

I

Acabara, aos vinte e dois anos, os meus estudos na Universidade de Gottingen. Meu pai, ministro do eleitor de..., decidira que eu percorresse os mais importantes países da Europa. Pretendia, em seguida, chamar-me para junto dele e fazer-me entrar no departamento cuja direcção lhe tinham confiado, preparando-me assim para um dia o substituir. Graças a um trabalho persistente, no meio de uma vida de dissipação, eu obtivera alguns êxitos que me haviam distinguido dos companheiros de estudo e que tinham inclinado meu pai a conceber, a meu respeito, esperanças provavelmente exageradas.

Tais esperanças tornavam-no indulgente para com muitas das faltas que eu cometera. Nunca me deixara sofrer as consequências dessas faltas. Satisfizera sempre, algumas vezes antecipando-se até, os meus pedidos a tal respeito.

Desgraçadamente a sua conduta era mais nobre e generosa do que terna. Sentia-me, no entanto, compenetrado do seu direito ao meu reconhecimento e respeito. Mas

nunca existiu entre nós a mínima confiança. Alimentava no espírito um não sei quê de irónico que não se coadunava com o meu carácter. Por essa altura só desejava entregar-me a essas impressões primitivas e ardentes que lançam a alma para fora da esfera comum e lhe inspiram desdém por todos os objectos que a cercam. Via no meu pai não um censor, mas um observador frio e cáustico, que começava por sorrir de piedade e acabava, pouco depois, a conversa com ar de impaciência. Não me lembro de, durante os meus primeiros dezoito anos, ter sustentado alguma vez um diálogo com ele que tivesse durado uma hora. As suas cartas eram afectuosas, recheadas de conselhos, razoáveis e sensíveis; mas assim que nos achávamos frente a frente sentia nele um constrangimento que não lograva explicar a mim próprio e que me influenciava de forma penosa. Não sabia então que se tratava de timidez, esse sofrimento interior que nos persegue até às idades mais avançadas, recalca no coração as mais profundas impressões, gela as palavras, desnatura na nossa boca tudo o que tentamos dizer e só nos permite exprimir por palavras vagas ou numa ironia mais ou menos amarga, como se nos quiséssemos vingar dos nossos próprios sentimentos, da dor que sentimos por os não podermos exteriorizar. Não via que com o próprio filho meu pai era tímido e que, frequentemente, depois de ter esperado durante muito tempo alguns testemunhos de afeição da minha parte, que, aliás, a sua aparente frieza parecia interdizer, me deixava com os olhos rasos de lágrimas para se lamentar de que eu o não amava.

Este constrangimento teve decisiva influência sobre o meu carácter. Tão tímido como ele, mas mais instável,

porque era jovem, habituei-me a guardar só para mim aquilo que sentia, a só architectar planos solitários, a contar apenas comigo para os pôr em prática, a considerar os avisos, o interesse, a assistência, até a presença das pessoas como incómodo e obstáculo. Contraí o hábito de nunca falar do que me ocupava, resignando-me a conversar com os outros como se tivesse de me submeter a uma necessidade importuna. Animava por isso as conversas de ininterruptos gracejos que as tornavam, a meu ver, menos fatigantes e me ajudavam a esconder assim os verdadeiros pensamentos. Daí resultou certa ausência de abandono íntimo que ainda hoje os meus amigos me censuram e uma dificuldade em falar seriamente que, muito a custo, venço. Adveio também daí, ao mesmo tempo, um ardente desejo de independência, uma grande impaciência perante as ligações que me rodeavam, um terror invencível de estabelecer novas. Apenas me sentia à vontade quando me encontrava absolutamente só e tal é, mesmo presentemente, o efeito dessa disposição de alma que, até nas circunstâncias menos importantes, quando há que escolher entre dois partidos, me perturba a presença humana, e o meu movimento natural é fugir para deliberar em paz. Contudo, não possuía aquele profundo egoísmo que um tal carácter parece pressupor: embora buscasse apenas o que me dizia respeito, alimentava escasso interesse por mim próprio. Trazia no fundo do coração uma premente sensibilidade de que não me apercebia, e, não a satisfazendo, acabava por me desligar sucessivamente dos objectos que me iam despertando curiosidade. Esta indiferença acerca de tudo era ainda fortificada pela ideia da morte, ideia que

me impressionara desde muito jovem e sobre a qual não concebo que os homens se inquietem tanto. Tinha dezassete anos quando assisti ao passamento de uma mulher já idosa, cujo espírito, de feição notável e estranha, começara a influenciar o meu. Esta mulher, como tantas outras, lançara-se no início da sua carreira num mundo que não conhecia, com o sentimento de uma poderosa força de alma e faculdades verdadeiramente prodigiosas. E também, como tantas outras, por se não ter vergado a conveniências factícias, mas necessárias, vira as suas esperanças iludidas, e, passada uma juventude sem prazer, a velhice atingira-a afinal sem a submeter. Vivia num palácio vizinho de uma das nossas terras, descontente e retirada, tendo como único recurso o seu espírito e tudo analisando com ele. Durante perto de um ano, ao longo de intermináveis conversas, havíamos questionado a vida sob todos os seus aspectos e era a morte afinal que sempre se nos apresentava como o termo de tudo. Depois de tanto ter falado a respeito da morte acabei por a ver fulminada mesmo diante de meus olhos.

Este acontecimento mergulhara-me num sentimento de incerteza acerca do nosso destino e num vago devaneio que nunca me abandonava. Lia de preferência os poetas que evocam a brevidade da vida humana. Considerava que não existia um fim, fosse ele qual fosse, que valesse o esforço de o alcançar. É bastante estranho que esta impressão se haja desvanecido precisamente com o volver dos anos. Será porque há na esperança alguma coisa de duvidoso e que, quando ela abandona a carreira de um homem, o seu destino ganha feição mais severa, mais positiva? Porventura a vida parecerá mais real à

medida que todas as ilusões se esfumam, tal como a crista dos rochedos se desenha melhor no horizonte quando as nuvens se dissipam?

Ao deixar Gottingen fui-me instalar na pequena cidade de D., residência de um príncipe que, como a maior parte dos da Alemanha, governava com brandura um país de reduzida extensão, protegendo os homens esclarecidos que aí se vinham fixar, concedendo a todas as opiniões perfeita liberdade, mas, limitado por um antigo costume da sociedade cortesanesca, reunia à sua volta homens na sua maior parte insignificantes ou medíocres. Acolheram-me nesta corte com a curiosidade que naturalmente inspira qualquer estrangeiro que vem romper o círculo da monotonia e da etiqueta. Durante alguns meses nada observei que pudesse cativar a minha atenção. Sentia-me reconhecido pela cortesia que me testemunhavam; mas ou a timidez me impedia de a aproveitar ou a fadiga de uma agitação sem finalidade me levava a preferir a solidude aos prazeres insípidos que me convidavam a partilhar. Não alimentava ódio contra ninguém, mas poucas pessoas me inspiravam interesse. Ora, a verdade é que os homens se ressentem com a indiferença: atribuem-na à aversão ou à afectação, não acreditam, muito simplesmente, que alguém se fatigue com a sua presença. Tentava, por vezes, reprimir o meu aborrecimento; refugiava-me então em profunda taciturnidade: tomavam-na por desdém. Cansado eu próprio do meu silêncio, entregava-me ao gracejo, e, nessas ocasiões, o meu espírito, pondo-se em movimento, ultrapassava toda a medida. Num só dia revelava os ridículos que observara durante um mês. Os confidentes destas minhas